

## Karl Haushofer (1869-1946): o pai da geopolítica das ditaduras européias\*

Mario G. Losano\*\*

RESUMO. O texto cuida da vida de Karl Haushofer entre exército e universidade; das doutrinas geopolíticas de Karl Haushofer, da sua carreira acadêmica e dos seus escritos sobre o Japão. Além disso, o ensaio trata do destino de Haushofer e da geopolítica fora da Alemanha, indagando a respeito de qual teria sido a influência de Haushofer sobre Hitler. Aborda-se ao final a ideologia nacional-socialista e a geopolítica.

*Palavras-chave:* Geopolítica. Ditaduras europeias. Haushofer.

### 1 - Uma vida entre exército e universidade.

Com o bávaro Karl Haushofer (1869-1946) a geopolítica sai do âmbito das reflexões políticas ou acadêmicas para tornar-se uma teoria que dirige ou justifica a ação política. Para ele, a geopolítica é uma "ciência aplicada": ou seja, aplicada pelos políticos. Sobre Haushofer Ratzel exercitou influência direta, porque Ratzel era amigo do pai de Haushofer, de quem frequentava a casa. Também com Kjellén Haushofer teve contatos pessoais<sup>1</sup>.

Era quase inevitável que na sua vida passada entre as duas guerras mundiais se alternassem luzes e sombras: sombras ainda hoje não completamente eliminadas. Todavia, Haushofer

---

\* Tradução Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcela Varejão.

\*\* Mario Losano é Professor de Filosofia do Direito e de Informática Jurídica na *Università del Piemonte Orientale "Amedeo Avogadro"*, Alessandria (Itália); Doutor *honoris causa* da Universidade de Hannover (Alemanha); Faz parte do *Conseil Exécutif* da *Société Européenne de Culture*, Veneza, e do Conselho Científico do *Institut für Rechtsinformatik* da Faculdade de Direito da Universidade de Hannover (Alemanha). Seu currículo completo e suas publicações, inclusive no Brasil, estão em [www.mariolosano.it](http://www.mariolosano.it)

<sup>1</sup> Rainer Matern, *Karl Haushofer und seine Geopolitik in den Jahren der Weimarer Republik und des Dritten Reiches. Ein Beitrag zum Verständnis seiner Ideen und seines Wirkens*, Karlsruhe 1978, p. 8 (Dissertação mimeografada).

viveu realmente no olho do ciclone, a ponto de ser, justamente, considerado uma das figuras mais enigmáticas e, talvez, uma das eminências pardas mais importantes do século XX.

Nascido de família bávara aristocrática e conservadora, Haushofer entrou no Exército bávaro e empreendeu também a carreira universitária, até quando foi chamado pela deflagração da Primeira Guerra Mundial.

Dois eventos influíram de modo decisivo na formação de Karl Haushofer. No plano científico, a missão no Japão de outubro de 1908 a junho de 1910 imprimiu um sigilo particular na sua visão da geopolítica. No plano político, a partir de 1919-20, ele esteve ligado por estreitíssima amizade com o vicário de Hitler, Rudolf Hess, cujos destinos se entrelaçariam indissolúvelmente - e tragicamente - as vidas de Karl Haushofer e de seu filho Albrecht (1903-1945).

Karl Haushofer é um militar por vocação profissional e por visão de mundo. Do mundo militar vem sua amizade com Rudolf Hess, sua permanência no Japão (determinante para sua visão política e geopolítica) e, no âmbito de seus estudos, sua paixão pela geografia militar e pela cartografia.

Haushofer entrou no Exército da Baviera em 1887 e tornou-se oficial aos vinte anos, em 1889. A unificação do Estado alemão já havia sido realizada em 1871, porém permaneciam numerosos elementos do pluriestatismo anterior. Em particular, ainda durante a Primeira Guerra Mundial, o Reino da Baviera continuava a ter o seu Exército distinto do prussiano, ainda que em 1866-1875 tivesse sido reformulado segundo aquele modelo<sup>2</sup>. Explica-se assim porque o Exército bávaro tenha querido conhecer diretamente, sem precisar passar através da mediação do Exército prussiano, a organização do exército japonês nos anos em que o Japão

---

<sup>2</sup> Wolf D. Gruner, *Das Bayerische Heer 1825 bis 1864. Eine kritische Analyse zur Entwicklung der bewaffneten Macht Bayerns vom Regierungsantritt Ludwig I. bis zum Vorabend des deutschen Krieges*, Boldt, Boppard 1971, VIII-439 p. (esta dissertação foi publicada também em 1972, com o subtítulo levemente mudado); Eugen von Frauenholz, *Geschichte des Königlich Bayerischen Heeres von 1867 bis 1914*, Verlag Bayerisches Kriegsarchiv, München 1931, XVI-606 p.

concluía os tratados de paz com a Rússia e assumia, portanto, o papel de verdadeira potência mundial. A tarefa foi confiada a Karl Haushofer em 1908 e se revelou uma experiência que o influenciou pelo resto da vida<sup>3</sup>.

Somente com cinquenta anos Haushofer abandonou a carreira militar para iniciar a acadêmica: seu caráter e suas convicções estavam, portanto, definitivamente plasmados pela experiência militar, tanto que nos seus escritos quase nunca falta a menção à sua natureza de soldado. O Karl Haushofer geopolítico é, pois, a continuação, com outras modalidades, do Karl Haushofer militar.

Examinaremos inicialmente, de forma sucinta, o pensamento geopolítico de Haushofer (item 2) e depois, mais detalhadamente, as obras nas quais se fundamentou sua carreira científica e seu sucesso internacional (item 3), para concluir com um rápido exame dos dois grandes quesitos até o momento abertos sobre a vida e a obra de Haushofer: a influência da sua geopolítica sobre Adolf Hitler (item 4) e a eventual existência de relação causal entre a sua geopolítica e os crimes nacional-socialistas (item 5).

## **2 - As doutrinas geopolíticas de Karl Haushofer**

Em 1919 Karl Haushofer deixou o exército com o grau de general e se dedicou à cátedra de geografia, obtida na universidade de Munique com dois livros resultantes da sua permanência japonesa. A guerra perdida, a cessões à França de uma parte dos territórios renanos e da região do Ruhr, a perda das colônias e as gravosas reparações criaram um clima de

---

<sup>3</sup> Reconstrução mais detalhada das relações entre Haushofer e o Japão e sua contribuição à reconstrução das relações diplomáticas entre os dois Estados (inimigos durante a Primeira Guerra Mundial) está contida em dois escritos meus: Mario G. Losano, *La teoria nazionalsocialista dei "grandi spazi" dall'Europa al Giappone*, em: Aistugia, *Atti del XXVIII Convegno di Studi sul Giappone*, Venezia 2004, p. 115-130; *La missione militare di Haushofer in Giappone e la geopolítica*, in: Aistugia, *Atti del XXXI Convegno di Studi sul Giappone*, Venezia, 20-22 settembre 2007. A cura di Rosa Caroli, Tipografica Cartotecnica Veneziana, Venezia 2008, p. 223-236.

tensão social e de ódio que hoje é difícil até mesmo imaginar. Caiu a monarquia, substituída pela República de Weimar, e enquanto por um lado estouravam revoluções proletárias inspiradas no modelo soviético, por outro se afirmavam tanto a exigência de ripristinar a ordem interna a qualquer custo, quanto à implacável necessidade de revanche com relação ao mundo exterior. As teorias geopolíticas ofereceram às direitas em ascensão o instrumento teórico para legitimar suas exigências.

O tratado de Versalhes privava a Alemanha de parte essencial do território para sua sobrevivência como grande potência. O debate sobre o “espaço vital” tornou-se, portanto, politicamente central e, nele, a “geopolítica” começou a assumir um peso crescente, até se apresentar como a parte fundamental da ideologia oficial no Estado nacional-socialista. É nesta atmosfera que o ex-general Karl Haushofer e suas teorias saem das aulas universitárias para entrar nos salões do poder.

Na base de sua visão da futura ordem mundial está a contraposição entre *terra* e *mar*, que equivale à contraposição entre Europa continental e mundo anglo-saxão. Esta dicotomia retorna para o jurista Carl Schmitt, como tensão entre terra-soberania e mar-liberdade (ou seja, como área não submetida ao espaço - “Raum” - nacional). A história universal exprimia por isso o ininterrupto conflito entre potências marítimas e potências terrestres, enquanto os Estados situados na linha de confim entre estes blocos em luta estavam destinados a eterna instabilidade, a menos que não se organizassem em grandes “pan-regiões”, fundadas numa “pan-ideia”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Karl Haushofer, *Geopolitik der Pan-Ideen*, Zentralverlag, Berlin 1931, 95 p. As idéias totalitárias de Haushofer se cruzaram aqui com aquelas de um dos pais do federalismo europeu: é de fato ao conde austro-húngaro Richard Coudenhove-Kalergi (1894-1972) que se deve o conceito de “pan-idéia” e, em especial, de “Pan-Europa” (*Pan Europa*, Pan Europa Verlag, Wien 1923; ed. ingl. Knopf, New York 1926). Haushofer frequentou Coudenhove-Kalergi e seu círculo depois da Primeira guerra mundial. Nestes dois personagens se entrelaçam, ms não e encontram, a idéia de união federal e aquela de união imperialista da Europa: “Não temos nada em comum com a ‘Pan-Europa’ de Coudenhove-Kalergi”, escreve Haushofer num violento artigo de 1926 (*Oberland. Ziele und Wege des Bundes Oberland e.V.*, München 1926, p. 7).

As pan-idéias, em volta das quais seria organizado o mundo, eram o pan-asiatismo (propugnado e praticado pelo Japão, como será visto), o pan-islamismo (ao qual então foi dedicada escassa atenção, à diferença do que hoje ocorre), o pan-americanismo (identificado com a Doutrina Monroe) e, enfim, naturalmente, o pan-europeísmo. Com base nessa visão, Haushofer propunha criar algumas grandes áreas de dimensões continentais que, de Norte a Sul, compreendessem, cada uma, uma zona ártica, uma temperada e uma tropical. Isto permitiria a cada pan-região ser auto-suficiente: surge aqui o conceito de "autarquia" (*autarké*, não *autarché*), que estava destinada a ter aplicação também na Itália fascista. Cada pan-região estaria constituída por Estados periféricos, fornecedores de matérias primas, e por um Estado-guia: na pan-região americana, os Estados Unidos; na asiática, o Japão; na europeia, a Alemanha.

A ideia de superar, ao menos do ponto de vista econômico, os confins do Estado nacional, já havia sido formulada por Gustav von Schmoller, em consonância com o "debate sobre o Estado industrial" (*Industriestaat-Debatte*), em curso na Alemanha por volta de 1900<sup>5</sup>. O economista alemão havia elaborado uma previsão conhecida como "teoria dos três impérios mundiais". Segundo a visão de Schmoller, a Inglaterra, os Estados Unidos e a Rússia expandir-se-iam territorialmente e, assim, reduziriam progressivamente o comércio com os países externos à sua área de influência, tendendo assim à autarquia. Para sobreviver neste futuro contexto, também a "*Mitteleuropa*" (outro conceito geopolítico) deveria alcançar "unificação político-comercial". A visão de Schmoller não prosperou nos países anglo-americanos, mas - vista pela perspectiva hodierna - parece antecipar o Comecon (que surgiu e caiu com o bloco dos Estados comunistas europeus) e o mais

---

<sup>5</sup> Gustav von Schmoller, *Die Wandlungen in der europäischen Handelspolitik des XIX. Jahrhunderts*, "Schmollers Jahrbuch" ["Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft im Deutschen Reich"], I, 1900, p. 373-382. Esta previsão é criticada por Heinrich Dietzel, *Weltwirtschaft und Volkswirtschaft*, "Jahrbuch der Gehe Stiftung", Dresden 1900, p. 1-120.

bem-sucedido "Mercado Comum Europeu", que depois de quase meio século está sendo transformado em União Européia.

Ao lado desta visão predominantemente econômica, estava afirmando-se a cultural, enunciada por Ratzel nas "grandes formas vitais" (*Großlebensformen*): para ele, as grandes uniões supranacionais nasceriam sobretudo das afinidades culturais.

Haushofer retornou também aos problemas militares, identificando na "geopolítica militar" uma subarea da geopolítica<sup>6</sup>. Entrementes, sob a pressão ideológica do nacional-socialismo, a geopolítica assumia traços cada vez mais raciais<sup>7</sup>, em contraste com a visão determinístico-biológica de Haushofer. Mas, no conflito entre saber e poder, Haushofer se deixou seduzir pelo poder.

No momento de sua enunciação as pan-regiões ainda eram em larga medida teóricas; portanto, as subdivisões geográficas eram aproximativas e mutáveis. A própria indeterminação espacial havia caracterizado a doutrina Monroe desde as origens.

Veza que a autarquia tinha também a finalidade de evitar conflitos econômicos, que teriam desembocado em guerras, o nacional-socialismo propugnou a idéia de quatro "grandes áreas econômicas" (*Großwirtschaftsräume*): a Eurásia; a Australásia; as Américas e a União Soviética. Esta última, porém, na cartografia difundida pela propaganda nacional-

---

<sup>6</sup> Karl Haushofer, *Wehr-Geopolitik. Geographische Grundlagen einer Wehrkunde*, Junker & Dünhaupt, Berlin 1932, (3ª ed.: 1941, 195 p.).

<sup>7</sup> O partido nacional-socialista procurara já, em 1932, uma "Arbeitsgemeinschaft für Geopolitik", cuja propensão ao racismo gerou a polémica "Rasse gegen Raum" (M. Bassin, *Race contra Space: The Conflict between German 'Geopolitik' and National Socialism*, "Political Geographical Quarterly", 6, 1987, p. 115-134; Richard Hennig, *Geopolitik und Rassenkunde*, "Zeitschrift für Geopolitik", 13, 1936, p. 58-63 [v. ainda id., *Geopolitik. Die Lehre vom Staat als Lebewesen*, Teubner, Leipzig - Berlin 1928, VIII-338 p. ; id., *Einführung in die Geopolitik*, Teubner, Leipzig - Berlin 1935, VI-138 p. ]). Este grupo se dissolveu em 1941. A "Zeitschrift für Geopolitik" (publicada de 1924 a 1944, e dirigida a partir de 1934 por Karl Haushofer) foi o órgão no qual escreveram todos os geopolíticos alemães: nela foi publicada - por convite de Haushofer - também a crítica à geopolítica alemã do então marxista Karl Wittfogel. Em 1934-44 foi usada pelos nacional-socialistas como instrumento de propaganda no exterior. No contexto da Guerra Fria, a revista voltou, de 1951 a 1968 com função antisoviética, mas teve escassa difusão.

socialista, desapareceu depois do início da Operação “*Barbarossa*” em junho de 1941, ou seja, com a invasão alemã da União Soviética. Estava assim eliminado o projeto de aliança russo-alemã propugnado por Haushofer<sup>8</sup>.

Em 1941, já antes da Operação “*Barbarossa*”, Haushofer abandonou o modelo das pan-regiões para imaginar um mundo bipolar em função antibritânica. Ao bloco anglo-americano dever-se-ia contrapor uma grande área da Alemanha ao Japão: estes dois Estados teriam constituído as duas aguerridas extremidades colocadas como defesa de um território pacífico que compreendia a Europa Central e a União Soviética.

Vez que o tratado alemão-soviético de Munique ainda permanecia em vigência, a concepção de Haushofer previa a união *voluntária* dos entes estatais compreendidos no “bloco continental”, que ia da Alemanha ao Japão; mas esta construção foi varrida pela invasão da URSS. Resta dos posteriores desenvolvimentos desta concepção, dentre outras coisas, o projeto de um tratado nunca ratificado, que deveria ter atribuído o fundamento jurídico aos “Grandes Espaços” que estavam sendo delineados durante a guerra<sup>9</sup>.

Todavia, a partir de 1941, a geopolítica como doutrina e a pessoa de Haushofer foram progressivamente perdendo importância, também porque o ano de 1941 foi para ele uma sucessão de eventos negativos.

Enquanto caía sua teoria do bloco continental, seu grande protetor político, Rudolf Hess, realizava o até hoje

---

<sup>8</sup> Foi esta uma das fraturas entre a doutrina geopolítica de Haushofer e a praxis político-militar do governo alemão; outros pontos de contato estão indicados no item 4. Antes da Operação “*Barbarossa*”, com base no pacto de não-agressão de 1939, o posicionamento oficial alemão (e o de Haushofer) consistia em seguir a mesma linha política respeito aos Estados Unidos e à União Soviética: ou seja, devia-se impedir a eles qualquer ingerência na Europa.

<sup>9</sup> Mario G. Losano, *Il mondo secondo Hitler*, [Em apêndice: *Vertrag zwischen Deutschland, Italien und Japan über die politische Gestaltung der Großräume Europa und Großostasien - Trattato fra Germania, Italia e Giappone sulla configurazione politica dei "Grandi Spazi" in Europa e nella Grande Asia Orientale*], “Limes. Rivista italiana di geopolítica”, 2006, n. 5, p. 237-259.

enigmático vôo para a Escócia, em maio de 1941. Como consequência deste fato, Karl Haushofer precisou renunciar a todos os encargos oficiais e se exilou nos Alpes bávaros. Seu filho Albrecht, que dele seguira os passos como geopolítico e como ambíguo seguidor do nacional-socialismo, foi preso depois do vôo de Hess, mas depois foi solto. Poucos anos depois, porém, por causa de suas amizades com os oficiais que em 20 de julho de 1944 realizaram o atentado contra Hitler, Albrecht foi novamente preso em 1944 e encarcerado em Berlim.

Pai e filho concluiriam tragicamente as próprias vidas. O filho Albrecht foi morto em 23 de abril de 1945, enquanto deixava a prisão no bairro berlinense de Moabit. Depois do final, Karl Haushofer foi interrogado pelos aliados sobre seus episódios nacional-socialistas, mas não foi possível demonstrar o seu envolvimento direto nas atividades criminosas que o teriam levado a julgamento no Tribunal de Nuremberg. Foi, portanto, liberado, mas se suicidou, juntamente com a mulher, em 10 de março de 1946.

Para esse trágico fim contribuíram, na minha opinião, o afastamento da universidade, o descrédito jogado sobre sua doutrina geopolítica e, sobretudo, a morte do filho, ao qual o ligava intensa comunhão de pensamento, de obras e de afeto: o filho no qual via a continuação da própria vida, até seu trágico assassinato na transferência da prisão berlinense.

### **3 - A carreira acadêmica e os escritos sobre o Japão de Haushofer**

Ainda que a bibliografia de Haushofer tenha se expandido e ramificado na medida em que, no decorrer dos anos, se afirmava sua concepção da geopolítica, a experiência japonesa constituiu o fundamento da sua carreira acadêmica: de fato, as obras que dela assinalaram as etapas são todas ligadas ao Japão.

Os atos conservados no arquivo da Universidade de Munique mostram como ele tenha sido "professor honorário"



substancialmente até o final de sua carreira. Este esclarecimento não diminui a importância científica e política dos estudos de Haushofer, mas permite redimensionar a opinião segundo a qual na Universidade de Munique ele dirigiu um "Instituto de Geopolítica" com milhares de funcionários, como afirmara a propaganda anglo-americana durante a guerra (cfr. *infra*, item 5), provavelmente fundamentando-se na forte influência das teorias geopolíticas de Haushofer ou confundindo a universidade com uma das mais vastas associações para as relações com o exterior dirigidas por Haushofer.

a) *O doutorado.* Haushofer apresentou em 7 de maio de 1913 o pedido de admissão para o exame de doutorado na Faculdade de Filosofia (Seção II) da Universidade de Munique<sup>10</sup>. A denominação da faculdade não deve induzir em erro: em 1867 a reorganização da Universidade de Munique havia reunido na "Seção I" as faculdades sociohumanísticas e na "Seção II" as científicas. Esta última pode assim ser comparada a uma hodierna "Faculdade de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais", tanto que - no momento do doutorado de Haushofer - dela era presidente o célebre físico Arnold Sonnenfeld. De fato, em 1937 a "Seção II" tomou o nome de "Naturwissenschaftliche Fakultät".

O candidato era em certa medida anômalo: com quarenta e quatro anos, o "Major Haushofer" (como era indicado nas Atas) era oficial do Estado Maior que já havia servido por longo tempo no Japão e tivera uma experiência de nível universitário na Academia de Guerra de Munique.

---

<sup>10</sup> O "Archiv der Ludwig-Maximilians-Universität München" será a partir de agora indicado com a sigla UAM, seguida pela referência bibliográfica do documento citado: UAM, OC I 4 Dp, (*Vorgang Haushofers Promotion*), "Anfrage wegen der Zulassung zur Doktorprüfung (Mit Beilagen), München, Arcis-Str. 30, 7. Mai 1913", 2 lados escritos à máquina com assinatura de Karl Haushofer. A partir deste momento: Haushofer, *Anfrage*.

Ao pedido de inscrição estavam anexos vários escritos, entre os quais o livro *Dai Nihon*<sup>11</sup>, que o próprio Haushofer apresenta à comissão da forma seguinte (Em *Dai Nihon*):

[...] estão resumidas as experiências de dois anos de estudos no Japão, coisa que, aos olhos da Comissão, pode suprir as carências ainda existentes na minha preparação preliminar: de fato, a circunstância de ter desenvolvido uma missão estatal de dois anos na Índia e na Ásia Oriental, em particular estudando e operando no exército imperial japonês, comportou a exigência de me ocupar a fundo da matéria principal<sup>12</sup>.

E a geografia era exatamente a matéria principal do seu doutorado. Haushofer conclui seu pedido recordando, ao lado das publicações, também outros seus méritos: os anos de ensino na Academia Militar, a missão no Oriente, os dez anos de serviços prestados ao Estado Maior e, enfim, "[...] o conhecimento da língua japonesa, conhecimento que não se encontra exatamente todos os dias em Munique"<sup>13</sup>.

Seis meses depois destes atos formais, em outro pedido sucessivo, Haushofer retornava ao livro *Dai Nihon*, "[...] vez que essencial para compreender a gênese e as experiências que estão na base da dissertação". Esta última é uma pesquisa especializada sobre *A participação alemã na abertura do Japão e do espaço subjapones, favorecida pela influência da guerra e da política militar*<sup>14</sup> (sobre a qual retornará a letra *b* deste item). Depois do artigo de 1911<sup>15</sup> e do livro *Dai Nihon*, este é o terceiro fruto de sua viagem ao Japão.

---

<sup>11</sup> Karl Haushofer, *Dai Nihon. Betrachtungen über Groß-Japans Wehrkraft, Weltstellung und Zukunft*. Mit drei Karten, Berlin 1913, p. X; ou seja: *Il Grande Giappone. Considerazioni sulla potenza militare, la posizione mondiale e il futuro del Grande Giappone*.

<sup>12</sup> Haushofer, *Anfrage*, f. 2.

<sup>13</sup> Haushofer, *Anfrage*, f. 2.

<sup>14</sup> Karl Haushofer, *Der deutsche Anteil an der geographischen Erschließung Japans und des subjapanischen Erdraums und deren Förderung durch den Einfluss von Krieg und Wehrpolitik*, Junge, Erlangen 1914, 112 p. (Dissertation, München 1913; Mitteilungen der Geographischen Gesellschaft in München, Bd. IX).

<sup>15</sup> Karl Haushofer, *Die geographischen Grundlagen der japanischen Wehrkraft. Mit 3 Figuren im Text*, Theodor Riedl, München 1911, Sonderdruck aus "Mitteilungen der

O *Votum informativum* do diretor do Instituto de Geografia e presidente da comissão, Erich von Drygalski<sup>16</sup>, é amplamente positivo e, por vezes, entusiasta. Dada esta premissa, o *Examen rigorosum* de 13 de novembro de 1913 podia somente concluir-se com a promoção *summa cum laude*.

b) *A habilitação para a docência*. O intervalo entre Karl Haushofer conseguir o doutorado e seu pedido de habilitação à docência foi bem longo respeito aos normais tempos acadêmicos alemães. Mas os tempos também não eram normais: logo após o doutorado de 1913, ele foi de fato chamado a serviço devido à explosão da Primeira Guerra Mundial. Seguiram-se o tratado de Versalhes, o final da potência militar alemã e do Império, a revolução social-comunista dos "Conselhos dos Trabalhadores e dos Soldados" e o advento da república socialdemocrática de Weimar.

O escrito para o doutorado, em 1913, nascera num clima de aceso nacionalismo; ao invés, o escrito para a habilitação à docência nascia, em 1919, entre fortes tensões e sob o contrastado predomínio das forças de esquerda. Tal inversão de tendências explica o aspecto mais neutro do escrito para a habilitação respeito ao do doutorado: para dar-se conta disto é suficiente confrontar os títulos dos dois escritos. Passa-se do tom militarista do doutorado no já recordado *A participação alemã na abertura do Japão e do espaço subjaponês, favorecida pela influência da guerra e da política militar* ao mais vago *Lineamentos fundamentais no desenvolvimento geográfico do Império Japonês (de 1854 a 1919)* da habilitação.

Para continuar sua carreira acadêmica, Haushofer precisou superar o exame de habilitação à docência, que consistia na apresentação de uma publicação e numa aula. O

---

Geographischen Gesellschaft in München", 1911, Bd. 6, 4. Heft; anche Theodor Riedel, München 1911, 24 p. (Vortrag, gehalten am 12. Mai 1911, 24 p. ).

<sup>16</sup> O geógrafo Erich Dagobert von Drygalski (1865-1949), aluno de Ferdinand von Richthofen, tornou-se professor catedrático da Universidade de Munique em 1906, na qual dirigiu também o Instituto de Geografia no qual ensinou Haushofer. Foi reitor no ano acadêmico 1921-1922 e se aposentou em 1935. Haushofer o recordou num artigo sobre a "Zeitschrift für Geopolitik".

Japão foi mais uma vez o centro de ambas as provas. A prova pública de habilitação, fixada para 17 de julho de 1919, estava anunciada por uma folha de convite que, nas páginas internas, trazia o título da publicação e o da aula pública (que tinha como objeto *O mar interno do Japão*: desta se conservaram apenas as seis *Teses* que constituíam o esquema da exposição).

O breve escrito expõe os já recordados *Lineamentos fundamentais no desenvolvimento geográfico do Império Japonês (de 1854 a 1919)*<sup>17</sup>, mas deste último foi apresentado para impressão apenas um capítulo inicial, ainda hoje conservado no arquivo da Universidade de Munique. O texto completo era muito mais amplo, como atesta o juízo de Drygalski, que dele expõe a estrutura articulada: "As primeiras seis seções são históricas; as seis sucessivas, geográficas, e as últimas quatro principalmente geopolíticas". Possivelmente, então, tratava-se de um verdadeiro livro, do qual foram impressas apenas aquelas primeiras vinte páginas, por causa das dificuldades do pós-guerra, às quais alude também Haushofer numa sua comunicação à universidade. Por outro lado, as poucas páginas impressas contêm remissões a notas e a textos que não se encontram no frágil opúsculo. O manuscrito completo não foi encontrado até o momento, mas provavelmente confluiu quase que inteiramente no livro publicado em 1921, em Viena, quase com o mesmo título do escrito para a habilitação<sup>18</sup>.

Mais uma vez o *Votum informativum* traz a firma de Drygalski, que porém desta vez exprime claramente suas críticas a propósito da organização metodológica do escrito de Haushofer, por ele julgado excessivamente geopolítico.

c) *O ensino como "Privatdozent"*. Sempre em 1919, Haushofer, conseguida a habilitação e tendo se tornado, entretantes, coronel, submeteu requerimento para lecionar

---

<sup>17</sup> Karl Haushofer, *Grundrichtungen in der geographischen Entwicklung des Japanischen Reiches (1854 bis 1919)*. Habilitations-Schrift zur Erlangung der venia legendi vorgelegt der Hohen Philosophischen Fakultät, II. Sektion, der Universität München von Dr. K. Haushofer, München 1919, Bieler & Co, Graphische Werkstätten, München NW, 24 p. (exemplar conservado all'UAM, E-II-1627: *Personalakte des Akademischen Senats*).

<sup>18</sup> Karl Haushofer, *Das Japanische Reich in seiner geographischen Entwicklung*, Seidl, Wien 1921, VI-172 p.

como "Privatdozent de geografia, particular especialização na antropogeografia e na geografia dos transportes e da economia"<sup>19</sup>. Ainda que este título não mencione expressamente a Ásia oriental, mais uma vez seu interesse se dirigia para aquela área. De fato, o ministério autorizou Haushofer a lecionar como Privatdozent no semestre invernal 1919/20 "[...] um curso de duas horas sobre a geografia antrópica da Ásia Oriental, com particular atenção dirigida para as relações de geografia econômica"<sup>20</sup>.

Haushofer - autorizado a lecionar "publice", bem como "privatissime und gratis" - não recebia nenhuma retribuição da Universidade. A gratuidade do seu compromisso universitário durou por toda a vida, sendo este um assunto que ele mencionou frequentemente nas suas relações com os órgãos acadêmicos e ministeriais, especialmente nos momentos de tensão. Esta sua escolha se fundamentava, porém, em precisa razão econômica: a retribuição universitária levá-lo-ia a perder a mais vantajosa aposentadoria militar.

d) *Professor honorário e o título de "catedrático"*. Em 1920, uma longa carta de Drygalski propunha que Haushofer fosse nomeado professor honorário. Os turbamentos políticos que acompanhavam estas (normais) questões universitárias encontravam seu símbolo num pequeno detalhe: no papel timbrado do Instituto de Geografia, um traço da pena de Drygalski cancelara o "k." que antecedia a palavra "Universidade": de fato, a Universidade não era mais "kaiserlich", ou seja, imperial; o Império terminara e a ele sucedera a República de Weimar.

Já no seu parecer sobre o escrito para a habilitação de Haushofer, Drugalski expressara suas dúvidas sobre a metodologia mais política do que geográfica do candidato; todavia, como o apoiara nos primeiros passos da carreira acadêmica, voltava agora a apoiar a sua candidatura, ainda que

<sup>19</sup> München, 12. April 1919: UAM, *Personalakte des Akademischen Senats* [em duas laudas], E-II-1627.

<sup>20</sup> Carta do Staatsministerium für Unterricht und Kultus, München, 13. August 1919 (UAM, E-II-1627: *Personalakte des Akademischen Senats* [em duas laudas]).

com tons menos entusiastas e com argumentos não apenas científicos, mas pessoais, vez que em 1920 Haushofer era major-general aposentado que superara os cinquenta anos: a posição pessoal certamente não estava em harmonia com a sua colocação nos níveis iniciais da carreira acadêmica. Daqui a proposta de Drygalski.

O título de professor honorário que lhe foi concedido em 1920 lhe permitia ensinar, porém sem retribuição: posição respeitável, mas um tanto à margem da vida acadêmica oficial. E de fato, a vida acadêmica de Haushofer será sempre inferior ao peso político e à ressonância internacional das suas teorias. Nas minuciosas polêmicas internas sobre as cátedras, nos problemas de vistos e de câmbio ligados às suas numerosas viagens ao exterior, no mecanismo burocrático de sua aposentadoria e em toda e qualquer ocasião emerge sempre essa natureza de professor "de complemento".

Em 1933 - com a ascensão ao poder do nacional-socialismo - a pasta-docente de Haushofer foi corrigida: a palavra "Honorarprofessor" foi cortada, porque naquele ano o Governador da Baviera, por indicação do Governo Imperial, o equiparara a professor catedrático de carreira<sup>21</sup>. Não é "verdadeiro" professor catedrático, mas é "como se fosse" realmente professor catedrático. Efetivamente, tal nomeação lhe atribui o título e os direitos de um professor catedrático (ou seja, pode usar oficialmente esta qualificação e gozar dos correspondentes direitos acadêmicos, como por exemplo participar dos conselhos de faculdade, bem como propor e orientar doutorandos), embora não lhe fosse permitido gozar dos correspondentes direitos econômicos: sua docência continuava a ser gratuita.

Resumindo, esta sua *nomeação* como professor catedrático não foi uma *chamada* no sentido técnico-acadêmico,

---

<sup>21</sup> Carta do Reichstatthalter für Bayern, 4. August 1933 (UAM, E-II-1627), antecedida pela carta do Ministério, 30. Juni 1933 (UAM, OC-IX-94, *Personalakte der Philosophischen Fakultät*): elas concedem a vários docentes, entre os quais Haushofer, o título e os direitos de "professor catedrático".

até porque nasce no mundo político, e não no universitário. Depois de 1933, Haushofer podia, portanto, atribuir-se formalmente o título de professor catedrático, mas substancialmente continuava a ser professor honorário sem retribuição.

e) *Vinte anos de vida acadêmica: 1935-1945*. Apenas no final do século XIX a Universidade de Munique teve a cátedra de geografia. Em especial, o Seminário de Geografia havia sido instituído pouco antes da Primeira Guerra Mundial e, quando ali chegou Haushofer, possuía cinco salas: uma realidade bem distante, portanto, do imaginário ente com milhares de cientistas, do qual teriam escrito os Aliados (cfr. *infra*, item 5). É neste contexto que Haushofer desenvolverá sua atividade acadêmica até o final da carreira, acompanhada de intensa atividade política, sobretudo dedicada aos alemães que viviam nas áreas de confinamento ou fora da Alemanha.

Os anos transcorriam entre a rotina didática, os inevitáveis dissabores da vida acadêmica e as honorificências que chegavam em paralelo com a afirmação do nacional-socialismo. Haushofer, porém, não estava inscrito no partido nacional-socialista, provavelmente porque sua mulher não era ariana pura, mas parcialmente hebréia. Até o fatal 1941, para os Haushofer foi portanto essencial a proteção política de Rudolf Hess.

As relações de Haushofer com o partido não estavam isentas de suspeitas: por exemplo, em 1937 o partido perguntou ao reitor "[...] se existem dúvidas sobre a confiabilidade política" de Karl Haushofer, e naturalmente o reitor respondeu que a propósito "[...] não existia a mínima dúvida"<sup>22</sup>. Por outro lado, as organizações de partido (também além daquelas dos alemães irredentos, nas quais Haushofer estava numa posição diretiva) apreciavam as contribuições geopolíticas do professor-general e, diante de um mínimo atraso na resposta, pediam notícias à Universidade.

---

<sup>22</sup> NSAPD, München, 29. Mai 1937; resposta do Reitor, 4. Mai 1937 (UAM, E-II-1627, datt., Entwurf, 4. Mai 1937).

Sempre em 1935, Haushofer anunciou seu afastamento, justificando ficar na sua casa nas montanhas bávaras pela exigência de mais tranquilidade: "Minha casa na montanha é uma morada solitária na Alta Bavária, e isso quer dizer que fica a uma hora de caminhada do correio mais próximo"<sup>23</sup>. Mas entretanto continuava sua intensa atividade, porque ainda estava distante a crise que se seguiu ao voo de Hess para a Inglaterra.

A saúde do septuagenário Karl Haushofer àquela altura estava porém cedendo e em 1940 escrevia: "[... estou a esta altura] às portas de me transferir para a minha morada no Hartschimmel, próximo a Pähl, na Alta Bavária, para realizar os trabalhos necessários como responsável pela organização e pelo premente pedido do meu médico, depois de um ano de trabalho pleno de movimento e de atividade política sob cobertura (*getarnte politische Tätigkeit*)".

Nessa mesma carta, defende sua concepção da geopolítica, recusando-se a examinar uma tese de doutorado mais geológica do que geográfica,

[...] porque estou convencido que faça parte da essência da geografia, à diferença da geologia, o fato que o homem não deva ser completamente colocado à margem respeito à morfologia. No mínimo, ao estruturar as tarefas da nossa faculdade, ao lado do endereço morfológico, deveria ter seu espaço também o político-geográfico e geopolítico, que é no mínimo igualmente importante na luta pela existência do Império da Grande Alemanha.

De fato, os esforços de Haushofer sempre tinham objetivado o reconhecimento da geopolítica: reconhecimento, constatava com amargura ao final de sua carreira, "[...] que em todo caso precisou ser obtido com muita fadiga, se bem que eu

---

<sup>23</sup> UAM, E-II-1627, 31. Juli 1935, Haushofer ao Pedell da Universidade.



tenha desde 1933 o título de catedrático, ainda que nunca tenha recebido salário como tal"<sup>24</sup>.

f) *Ao final da carreira acadêmica.* O final da guerra assinala também o final da carreira acadêmica de Haushofer, que em 1945 foi demitido pelo governo militar aliado: "O Senhor Ministro de Estado para o Ensino e os Cultos, por indicação do Governo Militar, retira do Dr. Karl Haushofer, professor honorário com o título e os direitos acadêmicos de um professor catedrático, o encargo de docência que lhe havia sido conferido e, com este mesmo ato, também se retira sua autorização de ensino. Considera-se extinto, portanto, seu título de professor honorário"<sup>25</sup>.

A carreira acadêmica do mais famoso geopolítico daqueles anos se encerra assim com uma série de ritos burocráticos. Vez que Haushofer precisa assinar pessoalmente a comunicação da demissão, a carta enviada erroneamente à faculdade de filosofia teve que ser remetida à de ciências: não foi Haushofer que mudou de faculdade mas, como foi visto, foi a faculdade que mudou de nome em 1937.

Enquanto a carta de demissão peregrinava por Munique, Haushofer já havia se retirado nas montanhas bávaras. Da idílica casa de Pähl a mulher Martha comunica que o marido está "[...] seriamente adoentado do coração e sofreu um infarto em 2 de novembro". O médico proibira de dar-lhe qualquer notícia que pudesse agitá-lo e por isso não era oportuno fazê-lo assinar a carta de demissão, "depois de ele ter prestado serviço durante vinte anos integralmente e de forma gratuita na universidade de sua cidade natal; universidade pela qual nutria forte afeição "<sup>26</sup>.

Esta carta de Martha Haushofer foi transmitida em 4 de janeiro de 1946 ao reitor da universidade, que a aceitou como

---

<sup>24</sup> Karl Haushofer ao Dekan der Naturwissenschaftlichen Fakultät, München, 9. Mai 1940, 2 laudas dat. Com assinatura e anotação "Vertraulich und nur persönlich", ambas autógrafas.

<sup>25</sup> Remetente ilegível [porque o recibo da carta registrada está colado por cima], München, 26 de novembro de 1945.

<sup>26</sup> Hartschimmelhof bei Pähl, Oberbayern, 21 de dezembro de 1945.

recibo da comunicação da demissão. Encerrava-se, pois, também formalmente a carreira acadêmica do pai da geopolítica alemã. Poucos meses depois, em 10 de março de 1946, Karl e Martha Haushofer colocavam fim voluntariamente à própria existência.

#### 4 - A sorte de Haushofer e da geopolítica fora da Alemanha

Nos anos do nacional-socialismo o sucesso de Haushofer foi enorme e, também depois dessa época, a geopolítica – mesmo duramente criticada nas democracias – continuou a difundir-se. Na impossibilidade de traçar aqui um quadro desta difusão, limitar-me-ei a remeter a alguns escritos meus e, sobretudo, à literatura neles contida.

Um quadro geral da concepção dos "Grandes Espaços" não pode ignorar a influência que tal concepção teve na destruição do Direito internacional clássico. Também para este fim a figura central foi o "jurista da coroa", Carl Schmitt<sup>27</sup>.

As alianças políticas da Alemanha contribuíram para a difusão da geopolítica. A Itália recebeu não apenas esta doutrina, como publicou por breve tempo uma revista, "Geopolitica", que se inspirava diretamente na "Zeitschrift für Geopolitik" de Haushofer. Nas suas viagens à Itália Haushofer mantinha contatos políticos de alto nível, os quais podem ser reconstruídos com certa precisão<sup>28</sup>. Todavia, o rigor militar com o qual sustentava suas teorias científicas o levaram a um confronto aberto com os vértices do fascismo. Sua visão do Tirol Meridional não coincidia com a idéia do Alto Ádige do regime italiano, tanto que Mussolini pediu a intervenção de Goebbels através do seu ministro da propaganda, e obteve assim o

---

<sup>27</sup> Mario G. Losano, *La geopolítica nazionalsocialista e il diritto internazionale dei "grandi spazi"*, "Materiali per una storia della cultura giuridica", XXXV, 2005, n. 1, p. 5-63.

<sup>28</sup> Mario G. Losano, *Le affinità elettive: geopolítica tedesca e italiana nei viaggi di Karl Haushofer*, "Limes. Rivista italiana di geopolítica", 2008, n. 3, p. 281-290; id., *Tra storia e biografia: le frequentazioni italiane di Karl Haushofer*, "Limes. Rivista italiana di geopolítica", 2008, n. 5, p. 275-284.

bloqueio do livro de Haushofer sobre o conceito geopolítico de "confim"<sup>29</sup>.

Mas obviamente as relações mais intensas foram com o Japão<sup>30</sup>. Os Haushofer se aproximavam com respeito e entusiasmo da vida japonesa, a ponto de nos últimos sete meses de sua permanência terem ido morar no monastério Hoonji na prefeitura de Iwate, ao lado do templo da deusa Kwannon e das tumbas imperiais. Os japoneses os consideravam com equivalente respeito e entusiasmo. Em 1909, por ocasião da Festa dos Crisântemos, os Haushofer foram apresentados ao Imperador Mutsuhito<sup>31</sup>, à Imperatriz Haruko e a outras personalidades da Corte. Além disso, quando retornaram a Tóquio para a Festa das Cerejas, foram novamente recebidos em 27 de abril de 1910 pelo Teno e pelos príncipes imperiais. Haushofer foi, em suma, objeto de "distinções que, antes dele, nenhum outro oficial alemão recebera"<sup>32</sup>. No Japão, formou-se também uma escola geopolítica em Kyoto.

Apesar disso, não faltaram atritos, análogos àqueles já vistos com a Itália. Em um de seus periódicos relatórios, Haushofer devia ter tocado em alguma suscetibilidade da corte japonesa, e o filho Albrecht assim lhe escreve:

Devo informar-lhe também de outro problema que lhe causará irritação. Mas antes de descrevê-lo, peço-lhe para não o levar muito a sério, vez que na parte administrativa foi confiado a gente razoável que tratou o problema de modo igualmente razoável. Eis o fato: o Império do Sol Nascente não se limitou a escrever-lhe por *Furuuchi-san* uma carta ressentida, mas sentiu ainda a necessidade de fazer entregar, através do seu embaixador, ao Ministério das Relações

<sup>29</sup> Mario G. Losano, *Alto Adige o Ein Tirol? La teoria dei confini di Karl Haushofer*, "Limes. Rivista italiana di geopolítica", 2008, n. 4, p. 277-292.

<sup>30</sup> Cfr. os artigos citados acima *supra*, nota 3.

<sup>31</sup> Haushofer dele escreveu a biografia: *Mutsuhito. Kaiser von Japan*, Colemann, Lübeck 1933, 56 p.

<sup>32</sup> Assim acha Hans-Adolf Jacobsen, *Karl Haushofer - Leben und Werk*; vol. 1: *Lebensweg 1869-1946 und ausgewählte Texte zur Geopolitik*, Boppard am Rhein, Boldt 1979, p. 89. Cfr. ainda *infra*, nota 42.

Exteriores um protesto altamente oficial contra o seu 'Geopolitik-Bericht': coisa que se faz apenas se se tem a intenção de provocar uma advertência do governo com relação ao senhor. Não posso dizer que este passo dos nossos amigos amarelos seja inteligente ou cavalheiresco. Por sorte, tudo terminou nas mãos certas, as de Weizsäcker<sup>33</sup>.

Na península ibérica, a geopolítica se adaptou às tradições imperiais da Espanha e de Portugal, continuando também quando a matéria já tinha sido marginalizada pelas democracias vencedoras. São exemplares a propósito as "microhistórias" do espanhol Jaime Vicens Vives<sup>34</sup> e do brasileiro Gilberto Freyre<sup>35</sup>.

Além disso, a forte presença de colonos alemães e italianos na América do Sul contribuiu, na primeira metade do século XX, para difundir as concepções geopolíticas das ditaduras européias, que depois foram retomadas sem dificuldades pelas ditaduras militares que se seguiram no continente na segunda metade do século XX<sup>36</sup>.

## 5 - Qual foi a influência de Haushofer em Hitler?

Hitler não foi um autodidata genial, mas recebeu, inicialmente, em 1919, instrução política no âmbito do Exército,

---

<sup>33</sup> Albrecht Haushofer a Karl Haushofer, Berlim, 23 de agosto de 1940, em Jacobsen, *Karl Haushofer*, cit., vol. 2, p. 450-2. Ernst von Weizsäcker era Subsecretário de Estado do Ministério das Relações Exteriores. Cfr. Jacobsen, *Karl Haushofer*, cit., vol. 1, p. 218-221.

<sup>34</sup> Mario G. Losano, La geopolítica de Jaime Vicens Vives entre República y franquismo, em *Estudios en homenaje al profesor Gregorio Peces-Barba. Vol. I: Entre la ética, la política y el derecho*, Dykinson, Madrid 2008, p. 833-863.

<sup>35</sup> Mario G. Losano, Ambigui Tropicici: la multietnicità felice di Gilberto Freyre e l'ultimo colonialismo português, "Teoria política", XXIV, 2008, n. 1, p. 5-45.

<sup>36</sup> Mario G. Losano, A geopolítica, da Alemanha nacional-socialista à América Latina: os casos da Argentina e do Brasil, "Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias", XXII, 2006, p. 371-386; Mario G. Losano, Diritto e potere: la geopolítica brasiliana negli anni del governo militare (1964-1984), Heleno Taveira Tôres (Coordenador), Direito e poder nas instituições e nos valores do público e do privado contemporâneos. Estudos em homenagem a Nelson Saldanha, Manole, Barueri (São Paulo, Brasil) 2005, p. 64-104; Mario G. Losano, La geopolítica brasiliana negli anni del governo militare (1964-1984), "Teoria Política", 2006, n. 1, p. 31-55.

depois da revolução "vermelha" na Bavária<sup>37</sup>. Rudolf Hess conhecia Hitler ao menos desde 1920 (mas provavelmente também o conhecia de antes) e por volta da mesma data ele também era hóspede regular da família de Karl Haushofer<sup>38</sup>.

Em 1922 Hess publicou um panfleto que, em poucas páginas, traçava o perfil do perfeito ditador<sup>39</sup>. Com isso, pode-se dizer que inicia a construção do "mito de Hitler": "A ideologia expressa neste programa leva o sigilo de Haushofer, assim como ele havia expressado no seu livro *Dai Nihon*, de 1913. Depois da Primeira Guerra Mundial ele [Haushofer] recolocava suas esperanças de salvação do povo alemão num ditador forte, com uma imagem precisa do mundo: esta última devia ser social-darwinista". A construção do mito de Hitler – um enigma ainda em grande parte sem solução, sobre o qual se angustiam os historiadores – devia ocorrer "[...] com discreta referência à mitologia imperial japonesa"<sup>40</sup>.

Depois do falido golpe de Estado de 1923, em Munique, Hess se refugiou por algum tempo na casa de Haushofer, que o convenceu a se entregar. Aprisionado com Hitler na vizinha cidade de Landsberg, Hess recebeu regularmente as visitas de Haushofer, que levava a ele e a Hitler os livros com base nos quais estava tomando forma o primeiro volume de *Mein Kampf*, e discutia com eles sobre os problemas (geopolíticos) e sobre a reconstituição do movimento nacional-socialista, a ser enfrentado após o cárcere. Por isso, mais de um autor afirma que Haushofer foi "mestre de Hess e, portanto, também de Hitler"<sup>41</sup>.

Por tal via (e através dos contatos que duraram até o final da guerra) a doutrina da geopolítica alemã – filtrada

---

<sup>37</sup> Ernst Deuerlein, *Hitler Eintritt in die Politik und die Reichswehr*, Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte", 7, 1959, p. 177-227; Hipler, *Hitlers Lehrmeister*, cit., p. 80 ss.

<sup>38</sup> Estas datas são objeto de um debate entre historiadores; de qualquer forma, não parece verdadeiro que Hess tivesse sido ajudante de campo de Haushofer durante a Primeira guerra mundial: Hipler, *Hitlers Lehrmeister*, cit., p. 102 s.

<sup>39</sup> Rudolf Hess, *Wie wird der Mann beschaffen sein, der Deutschland wieder zur Höhe führt?*, publicado em 1933; hoje retomado em Hipler, *Hitlers Lehrmeister*, cit., p. 221-226.

<sup>40</sup> Hipler, *Hitlers Lehrmeister*, cit., p. 115.

<sup>41</sup> Hipler, *Hitlers Lehrmeister*, cit., p. 108.

através do militarismo e do niponismo de Haushofer – tornou-se um componente essencial da doutrina nacional-socialista e nos apresenta hoje Haushofer como a eminência parda cultural que está por trás do ditador e do seu vicário Hess.

Obviamente é difícil documentar *em detalhes* esta influência, exercitada em tempos de guerra (também civil), de conspiração, de golpes de Estado e de extrema violência política. As próprias declarações dos interessados devem ser avaliadas com extrema cautela, porque podem tender inicialmente a cair nas graças de um ditador feroz, depois, para desculpar-se com os aliados vencedores<sup>42</sup>.

Também depois de um exame crítico dos documentos, aquilo que resta certo, porém, é a influência que une as pessoas de Haushofer, de Hess e de Hitler e que, portanto, une a geopolítica social-darwinista do primeiro com a doutrina nacional-socialista. Mas "unir" é um termo vago, que deve ser esclarecido.

O mito de Haushofer foi criado também por exageros da imprensa ocidental, que durante a guerra tendia a ampliar sua relevância. "The Reader's Digest" assim escrevia no verão de 1941:

Haushofer and his Institute in Munich with its thousand scientists and spies are almost unknown to the public, even in the German Reich. But their ideas, their charts, maps, statistics, information, and plans have dictated Hitler's moves from the very beginning. [...] Haushofer's Institute is no mere instrument for Hitler's use. It is the other way round. Dr. Haushofer and his men dominate Hitler's thinking.

---

<sup>42</sup> Para avaliar em detalhes tais problemas, confrontem-se três pesquisas fundamentais: o já citado Hans-Adolf Jacobsen, *Karl Haushofer – Leben und Werk*, Boppard am Rhein, Boldt 1979 (Schriften des Bundesarchivs 24/I e 24/II); vol. 1: *Lebensweg 1869-1946 und ausgewählte Texte zur Geopolitik*; vol. 2: *Ausgewählter Schriftwechsel 1917-1946*; Bruno Hipler, *Hitlers Lehrmeister: Karl Haushofer als Vater der NS-Ideologie*, EOS Verlag (Erzabtei St. Ottilien), St. Ottilien 1996, 240 p., que revê criticamente não poucos pontos da anterior e fundamental obra. Decididamente mais favorável a Haushofer é, ao invés, a reconstrução de Frank Ebeling, *Geopolitik. Karl Haushofer und seine Raumwissenschaft 1919-1945*, Akademie Verlag, Berlin 1994, 272 p.

A opinião pública norte-americana era assim suggestionada pela lenda do "Instituto de Geopolítica" de Monaco, que na verdade nunca existiu: "A sort of super-Gestapo, - explicava mais adiante "The Reader's Digest", - which corrupts and influences to the German way of thinking important politicians and manufacturers in countries which Germany plans to control in its drive to world domination"<sup>43</sup>.

Na realidade, existiam pontos de contraste entre o pensamento científico de Haushofer e as teorias nacional-socialistas: antes de tudo, a natureza determinístico-naturalista da sua geopolítica, que Alfred Rosenberg reprovava por não ter levado na devida conta os fatores raciais. Seria todavia errado subestimar o peso político das teorias de Haushofer, que ao invés colaborou espontaneamente com nacional-socialismo. O brasileiro Lúcio Castelo Branco atribui "a sobrevivência da função do geopolítico Haushofer" aos ataques "da propaganda de guerra dos aliados, que dele fizeram um objetivo privilegiado"<sup>44</sup> e usa a primeira parte de um conhecido trecho do exilado Stefan Zweig para demonstrar que o geopolítico mantinha distância do nacional-socialismo. Estas suas afirmações exigem porém um esclarecimento.

O juízo de Stefan Zweig (1881-1942) é realmente mais equilibrado do que possa fazer parecer a citação; tal juízo pode constituir, nesta sede, uma aceitável conclusão - necessariamente provisória - sobre a complexa e obscura questão das relações e das influências recíprocas entre Haushofer e o nacional-socialismo. Eis o trecho de Zweig na sua inteireza:

No plano pessoal, daquilo que sei, Haushofer nunca assumiu uma posição de relevo no partido [nacional-socialista], ou seja, talvez nunca dele nem tenha sido membro. Não vejo nele (como os jornalistas de hoje, mestres de destreza) uma

---

<sup>43</sup> Citado de Hans W. Weigert, *Generals and Geographers. The Twilight of Geopolitics*, Oxford University Press, London - Toronto 1942, p. 9.

<sup>44</sup> Lúcio Castelo Branco, *Staat, Raum und Macht in Brasilien. Anmerkungen zu Genese und Struktur der brasilianischen Staats- und Großmachtideologie*, Finck, München 1983, p. 382, nota 3.

demoníaca 'eminência parda' que ocultamente arquiteta os planos mais perigosos e os sugere ao Führer.

A citação de Castelo Branco pára aqui, porém o texto de Zweig continua:

*Mas não existe nenhuma dúvida de que, ainda mais do que os mais loucos conselheiros de Hitler, foram realmente suas teorias a terem transferido, conscientemente ou não, a agressiva política do nacional-socialismo da esfera nacional à universal. Somente a posteridade poderá determinar a exata dimensão histórica de sua figura com base numa melhor documentação do que aquela da qual nós contemporâneos dispomos<sup>45</sup>.*

Hoje alguns documentos vieram à luz e a influência também pessoal de Haushofer sobre o nacional-socialismo pode ser considerada demonstrada, se não nos particulares, ao menos em suas linhas principais.

A interação entre Haushofer e Hess continuou até maio de 1941, inicialmente como formação ideológica entre Mestre e aluno, depois com os conselhos de Haushofer sobre casos específicos, quando Hess já era o vicário do Führer.

Karl e Albrecht Haushofer foram também os conselheiros oficiais de Hess nos contatos secretos com a Inglaterra, mas ainda hoje não se sabe até que ponto Karl Haushofer estivesse a par do repentino vôo de Hess para a Inglaterra de maio de 1941. Logo depois daquele evento, os dois Haushofer foram presos, mas Karl foi logo solto, enquanto o filho Albrecht passou oito semanas detido. Todavia, a partir deste momento, a família Haushofer precisou mostrar-se ainda mais fiel ao regime, ao menos exteriormente.

---

<sup>45</sup> Stefan Zweig, *Die Welt von gestern. Erinnerung eines Europäers*, Suhrkamp, Frankfurt 1947, 500 p. ; também Wien 1952, p. 176 (itálico meu); mas originariamente publicado em Estocolmo (Fischer, 1944, 394 p. ). Stefan Zweig conhecia pessoalmente Haushofer e escreveu as palavras acima citadas antes de 1942, ano do suicídio de Zweig no Brasil.



## 6 - A ideologia nacional-socialista e a geopolítica

Na ideologia nacional-socialista e em Hitler confluem duas correntes de pensamento preexistentes: a tradição romântico-conservadora e a nacionalista (adversária da modernidade do séculoXX, bem presente na Alemanha: p. ex. com a "Völkische Bewegung" da época guilhermina<sup>46</sup>) e os estudos de geopolítica, que se adaptaram perfeitamente àquelas exigências ideológicas. Seu ponto de partida é o conceito de "sangue e solo" ("*Blut und Boden*"): o Estado deve fundar-se no seu povo (a mítica noção de "Volk", a ser mantida portanto na sua originária pureza) e num solo tradicionalmente seu. Nas escolas, ensinava-se que "a geopolítica é a doutrina das relações entre raça e espaço no destino dos povos"<sup>47</sup>.

O espaço originário dos germanos era o Leste europeu: a confirmação desta convicção trabalhava a ciência que estudava o Leste europeu (*Ostforschung*), não apenas na época nacional-socialista, mas já na época de Weimar (1918-1933). Em *Mein Kampf* Hitler extrai uma consequência geopolítica destas convicções étnicas: se a terra originária dos germanos é a Leste, é para lá que se deve retornar, interrompendo a expansão ao Sul e ao oeste seguida pelos alemães desde o final do império romano. Dessas bases aparentemente científicas (de fato, nem toda a "Ostforschung" é para ser jogada no lixo) nasce assim um outro pilar do nacional-socialismo: o "*Drang nach Osten*", o empurrão para o Leste, que se traduziu na invasão da Polônia em 1939 e na campanha militar contra a Rússia, campanha indicada pela propaganda nacional-socialista como a

---

<sup>46</sup> Ver a literatura citada em Losano, *Sistema e struttura nel diritto*; volume 2: *Il Novecento*, Giuffrè, Milano 2002, p. 178, nota 39; no prelo: *Sistema e struttura no direito*; volume 2: *Os Novecentos*, Martins Fontes, São Paulo 2009.

<sup>47</sup> Johann Ulrich Folkers, *Geopolitische Schulung im Rahmen des Erdkundenunterrichts*, "Geographischer Anzeiger", 43, 1942, p. 169; Folkers (1887-1960) contribuiu a imprimir uma característica decididamente racista na geopolítica alemã e se empenhou no seu ensino nas escolas, a ponto de tornar-se o responsável nacional para a geopolítica na Lega dos Docentes Nacional-socialistas (Reichssachbearbeiter für Geopolitik im NSLB). É autor de *Das Gesetz wachsenden Räumen*, Vowinkel, Heidelberg 1943, 88 p. publicado também na revista italiana "Geopolítica".

continuação dos empreendimentos medievais dos Cavaleiros Teutônicos. Tais conquistas territoriais deveriam confluir em novas formações territoriais: os "Grandes Espaços", sob a direção de uma Estado-guia.

Segundo o historiador Dan Diner, a teoria dos "blocos continentais" é uma teoria anti-industrial, uma ideologia paleoagrária, que vê na agricultura a base da sociedade. Desta convicção nasce o pedido de dar a cada povo o espaço (agrário) vital que lhes compete<sup>48</sup>. Este retorno à sociedade arcaica deveria gerar um novo vínculo entre os consociados (e era este o objetivo do nazismo): é o "fraternalismo" teorizado por Durkheim. Os três Estados signatários do Pacto *Anticominform* - Alemanha, Itália, Japão - confirmaram realizar formas semelhantes de fraternalismo para cimentar a sociedade: na época da industrialização objetivavam a "igualdade" (interna), considerada porém incompatível com a liberdade (equiparada à anarquia)<sup>49</sup>.

Para o nacional-socialismo, a necessidade de ocupar as terras justificava-se ideologicamente pela convicção de que o núcleo da pureza racial residia nos agricultores<sup>50</sup>. Nisto a teoria era semelhante a numerosas outras utopias conservadoras, que reagem ao mundo moderno com o retorno às raízes rurais. Esta pureza devia ser conservada e incrementada, porque se referia à raça superior dos germanos (e também nesta convicção

---

<sup>48</sup> Dan Diner, *Weltordnungen. Über Geschichte und Wirkung von Recht und Macht*, Fischer, Frankfurt a. M. 1993, 264 p. Este historiador da Universidade de Essen e de Tel Aviv enfatiza sobretudo a ideologia paleo-agrária de Haushofer. O interior do *bloco continental eurasiático*, entre os dois pontos extremos em sua defesa (Alemanha e Japão), seria portanto uma área de paz agrária, p. 137-141. Ver ainda Dan Diner, 'Grundbuch des Planeten'. *Zur Geopolitik Karl Haushofers*, "Viertelsjahrshefte für Zeitgeschichte", 32, 1984, n. 1, p. 1-28.

<sup>49</sup> Paul Brooker, *The Faces of Fraternalism. Nazi Germany, Fascist Italy, and Imperial Japan*, Clarendon Press, Oxford 1991, VIII-397 p. Nesta obra, a ênfase recai especialmente na religião tradicional, o *shintô*: o fraternalismo parece estar aqui próximo do franquismo, que atenua a ideologia falangista para desenvolver a tradição ultracatólica.

<sup>50</sup> Klaus Kost, *Die Einflüsse der Geopolitik auf Forschung und Theorie der politischen Geographie von ihren Anfängen bis 1945*, cit., em especial o capítulo *Glorifizierung des ländlichen Lebens*, p. 366-372 e a literatura ali indicada.

confluíam décadas de estudos anteriores)<sup>51</sup>. Vez que na Alemanha os nascimentos superavam as mortes, era necessário proporcionar novo solo aos futuros agricultores, para garantir o desenvolvimento do povo germânico e, com isso, do seu Estado. Sem agricultores, nenhuma expansão da raça era possível: assim, a Alemanha nacional-socialista apresentava o problema do espaço (agrário) como um problema de vida ou de morte. O espaço tornava-se elemento vital para a sua sobrevivência: era "Lebensraum", "espaço vital".

Os três conceitos fundamentais do nacional-socialismo remetem assim um ao outro, num processo circular: o Estado alemão pode existir apenas com base no "Blut und Boden" (ou seja, com base na pureza do sangue e do solo que a alimenta); o incremento demográfico torna insuficiente o solo e torna assim indispensável a conquista de novo "espaço vital"; tal espaço é historicamente colocado ao Leste da Alemanha. Destas ideologias - que se apresentam como resultado de pesquisas científicas - teve início a aventura e a tragédia da Alemanha nacional-socialista e dos outros povos nela envolvidos. A geopolítica disso não foi decerto a causa, mas, como se diz para certos ladrões, "se não roubou, segurou o saco".

O problema até o momento discutido é a existência da relação *direta* e *causal* entre a geopolítica haushoferiana e as violações do Direito internacional e dos direitos humanos realizadas pelo nacional-socialismo. Foi para esclarecer este problema que Karl Haushofer, ao final da guerra, foi interrogado pelos aliados para decidir se seria submetido ao juízo do Tribunal de Nuremberg.

---

<sup>51</sup> As teorias raciais são geralmente remetidas a Arthur de Gobineau (1816-1882). A respeito da influência do racismo no direito, ver Losano, *Sistema e struttura nel diritto*; volume 2: *Il Novecento*, Giuffrè, Milano 2002, p. 162-166; no prelo: *Sistema e struttura no diritto*; volume 2: *Os Novecentos*, Martins Fontes, São Paulo 2009.

**Karl Haushofer (1869-1946): the father of geopolitics of European dictatorships**

ABSTRACT. The text deals with the life of Karl Haushofer between the Army and the University; and his geopolitical doctrines, his academic career and his writings about Japan. Besides, the essay deals with Haushofer's destiny and geopolitics outside Germany, investigating what might have been Haushofer's influence on Hitler. At the end it discusses the geopolitical and national-socialist ideology.

*Keywords:* Geopolitics. European dictatorships. Haushofer.